

O CORDOVÊS

UMA das aventuras mais prodigiosas que podem suceder a um homem é converter em exemplos os seus conceitos sobre a existência. O grande Séneca foi mestre em opiniões, mas não o foi em fazê-las coerentes com a própria vida. No dia em que Agripina chamou Séneca, desterrado na Córsega havia oito anos, a inconstância, verdadeira lesão na alma do moralista, retomou definitivamente os seus direitos.

Por AGUSTINA BESSA
LUIS

A eloquência do sábio verte-a nas páginas sobre a brevidade da vida; e logo a seguir aceita o cargo de questor e depois o de primeiro-ministro do Império; a sua nobreza de entendimento é depressa superada pela relutância que tem em adaptá-la aos acontecimentos. O sentimento da realidade leva-o a prestigiar-se materialmente numa época em que os altos caracteres da República parecem diminuídos pela força das inovações.

Séneca foi um enigma como personalidade humana, política e intelectual; vinte séculos pesam sobre a sua obra sem que ela possa ser julgada com limpidez. Estrangeiro de Córdova — quem era Séneca? Filho dum retórico e dum mulher que tanto podia ser de origem fenícia como hebreia, há nele

um esteticismo da virtude aliado à céptica melancolia dos que rejeitam o mundo sem contudo se privarem dos seus frutos. É um bárbaro, um homem sensível ao que lhe é propício. A sua linguagem tem a elegância necessária para inspirar uma confiança superficial, que é a que dispensam aos seus

mão dum mulher, depois de ter sofrido o desterro por denúncia de outra, ele está decidido a usar o seu engenho e não mais a desperdiçá-lo. Já se vangloriou-se da sua técnica de várias cores, símbolo do génio versátil e apaixonado; nele isso não constituía uma provocação, era um jogo fácil ser o melhor. Quando despertou da consciência do seu privilégio, não era mais do que um mísero escravo. Com Séneca foi talvez igual. Alguma coisa sucedeu na sua vida que o fez impio para com o género humano. Oito anos de exílio, embora patriciamente decorridos, movem um homem a ser culpado. Não era um estóico, era um economista das paixões. Séneca lança sobre os personagens da velha República um olhar reverente, mas sobressalta-se a sua alma débil. A arte é longa — consola-se Séneca. E narra da virtude os famosos casos, para que os tempos digam que ele louvou glórias, ainda que não produzisse honras.

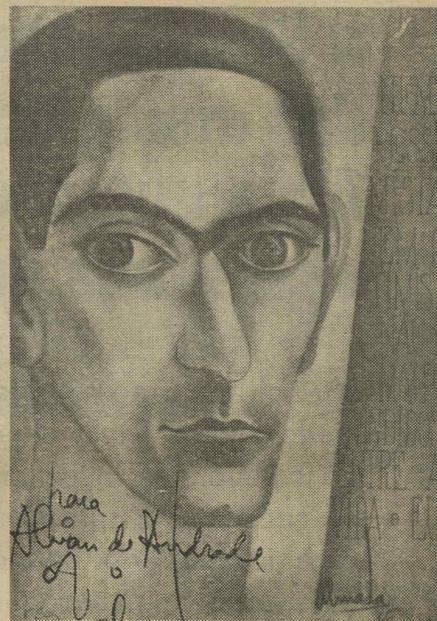
Quem foi Séneca, filósofo cordovês, homem de muitas almas, mentor de alta raça, beneficiário de deuses e de mortais? Há nos seus discursos uma rigidez plácida semelhante ao de alguns textos de Santo Agostinho. O que se escreve por mé-

(Continua na 5.ª pág.)



Séneca, um economista das paixões

«NÃO HÁ MAL-ENTENDIDOS ENTRE A VIDA E EU»



Com a morte de Almada Negreiros desapareceu uma das mais ricas personalidades intelectuais portuguesas do nosso tempo. Grande artista plástico, foi-o também da palavra e, a par disso, sempre irrequieto agitador de ideias estéticas. Um dos mentores, há mais de meio século, do movimento de renovação literária e artística que, nestes domínios, nos aproximou da vanguarda europeia. Almada sobreviveu, porque verdadeiro criador, à agitação polémica de uma simples época. A fotografia do auto-retrato, que reproduzimos, dedicou-o o artista ao nosso prezado camarada de Redacção Álvaro de Andrade. Na legenda, como que a prenunciar uma existência de plenitude, Almada escreveu: «Nem pessimista nem optimista. Não há mal-entendidos entre a vida e eu»

PRODUÇÃO EDITORIAL ESPANHOLA

A produção editorial espanhola durante o ano de 1969 foi de 2031 volumes, ultrapassando apenas em 23 a de 1968.

O maior número de volumes (livros e folhetos) corresponde ao grupo de literatura, com 7463 edições, seguido dos de religião e teologia, com 1513, e dos técnicos, com 1093.

As cifras mais baixas referem-se a obras sobre comércio, comunicações e transportes, com apenas 98 edições.

ACÇÕES CORRENTES

A ÁRVORE

PERDEU-SE o culto pela árvore. Mesmo com a arborização, havendo hoje mais árvores do que havia, no tempo do culto pela árvore, o respeito por ela, o reconhecimento da sua lição, da sua utilidade, do seu valor para a vida humana, perdeu-se. A escola primária ensinava a amá-las, mostrava à criança, para além de suas utilidades práticas, a beleza dela, quanto ela representava na paisagem — quase sempre seu motivo principal, quanto ao



Desenho de JOSÉ DE LEMOS

se entregou aos pintores para a pintarem, quanto ela era razão de poetas e de prosadores. Árvore consolo para os olhos, árvores repouso para a alma. Árvore, imóvel, agarrada à terra, escrava da sua imobilidade, sem defesa de

Por JOSÉ DE FREITAS

homens e de bichos, mas coisa viva, muda, pelo menos para nós, e sendo coisa viva, seiva seu sangue e seu alimento, quicá sofrerá no despedaçar de seus ramos, na mutilação de seu tronco, no momento desesperado da sua morte.

Quem te foi dizer que a árvore não sofre, se vive? Terá ela meio de comunicação para expressar seu sofrimento? É a insuficiência não será tua, pelo facto de não possuíres — tu, génio electrónico — a habilidade de a entenderes?

(Continua na 2.ª pág.)

álucos os grandes enhores. Séneca foi um José do Egipto que formou os sonhos e os tornou plausíveis a um auditorio mediocre. A juventude jurava por Séneca, o que quer dizer que ele era um líder incontestante. Também José sai da prisão para ascender ao mando. O adolescente cheio de jactância que irritara os seus irmãos deu lugar a um servo prudente, ferido de incredulidade no mais fundo da sua alma. E Séneca, jovem e veemente, joga no exílio o preço da sua singularidade. Quando volta a Roma por

N.º 694

ACTUALIDADE DE FORSTER

NO Kings College, em Cambridge, de que E. M. Forster era professor honorário, os jovens costumavam chamar-lhe Morgan, e recordavam-no sorvendo o seu sherry, censurando os escritos deles e, por vezes, os seus. Apesar da diferença de idades, havia uma intimidade firmada na simpatia e na compreensão. O mesmo se passava entre o romancista e os seus leitores. Forster escreveu o seu último romance em 1924 e, desde então, não foi muito prolifico. Todavia, não era um escritor datado e, a propósito do seu nome, não se falava de bafo, do bafo a que se alude quando se fala, por exemplo de Arnold Bennett ou H. G. Wells.

E, no entanto, mais fácil destacar os méritos dos seus livros do que apontar aquilo que os torna tão contemporâneos. Talvez o seu apego à defesa de tudo o que é singular e indi-

vidual no homem. Num a época em que os leitores se sentiam sob o assalto contínuo do Governo e da sociedade, tinham



Forster

a certeza de que Forster estava do lado deles. Mais ainda: Forster lutou contra as barreiras da tradição ou da convenção que dividiam os povos e os homens. Confiava na resistência humana contra o conformismo.

Sendo ele próprio um produto de Cambridge, desenvolveu, todavia, um certo sentimento de desconfiância na razão. Acreditava — segundo Lionel Trilling — que só o coração atrevido impedia o estabelecimento daquelas relações humanas mais firmes que os tratados, as declarações e as leis.

Num dos seus romances, uma típica família inglesa luta com denodo para salvar uma criança de descendência anglo-italiana das enormidades de uma educação latina — uma ideia que ele tratou com notável ironia. Noutro, sugere que um encontro amoroso num jardim florentino não pode ser devidamente apreciado à luz fria do Norte, numa sala de jantar inglesa. Num dos seus melhores contos, a personagem central é um inglês com uma visão paga da existência, com a liberdade e a alegria que lhe

são próprias e que, a partir de da-a altura, é destruído pela sociedade convencional.

Embora Forster fosse um moralista, não pregava moral. As suas ideias encontravam expressão nos símbolos e em pormenores trabalhados da sua ficção. Não se preocupava mui-

Serviço exclusivo
«The New York Times»-
-«Diário Popular»

to com o teatro dos seus livros. Os acontecimentos que descreveu ocorrem na Índia, na Itália ou na Inglaterra. As pessoas, sim, essas é que nós recordamos. Quando nos lembramos de algo inanimado como, por exemplo, a casa de «Howards End», é porque ela própria se tornou numa personagem. O campo em «A Passagem para Índia», é muito menos intenso do que em «Kim», do

(Continua na 5.ª pág.)